

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANA KARLA DA SILVA CRUZ

TEU CORPO É MEU ESPELHO E EM TI NAVEGO: práticas homoafetivas e
constituição dos espaços e convivências da homossexualidade juvenil em Parnaíba-PI

Paranaíba – PI

2013

ANA KARLA DA SILVA CRUZ

TEU CORPO É MEU ESPELHO E EM TI NAVEGO: práticas homoafetivas e constituição dos espaços e convivências da homossexualidade juvenil em Parnaíba-PI

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Professor Francisco José Leandro Araújo de Castro

Paranaíba – PI

2013

C955t

Cruz, Ana Karla da Silva

Teu corpo é meu espelho e em ti navego: práticas homoafetivas e constituição dos espaços e convivências da homossexualidade juvenil em Parnaíba-PI / Ana Karla da Silva Cruz.- Parnaíba: UESPI, 2013.

47 f.

Orientador: Francisco José Leandro Araújo de Castro

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual do Piauí, curso de História, 2013.

1. História 2. Sexualidade 3. Relações homoafetivasI. Castro, Francisco José Leandro Araújo deII. Universidade Estadual do Piauí
III. Título

CDD 306.766

ANA KARLA DA SILVA CRUZ

TEU CORPO É MEU ESPELHO E EM TI NAVEGO: práticas homoafetivas e constituição dos espaços e convivências da homossexualidade juvenil em Parnaíba-PI

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Professor Francisco José Leandro Araújo de Castro (Orientador)

Professor João Carlos de Freitas Borges

Profª. Esp. Maria Dalva Fontenele Cerqueira

AGRADECIMENTOS

Quero deixar em forma de agradecimento para as referidas pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui e realizasse este trabalho que representa o fim de mais uma etapa na minha vida, mais uma conquista que certamente vai contribuir para o meu crescimento profissional e pessoal.

- À minha família que é o norte da minha vida e fonte de amor, respeito e carinho.
- Ao meu grande amigo Ivaldo Medeiros de Araújo por toda amizade, lealdade, ajuda, paciência e carinho dedicados a mim durante toda a graduação, neste trabalho de conclusão e durante estes cinco anos que se passaram.
- Ao meu amigo de graduação e orientador Francisco José Leandro Araújo de Castro por quem tenho gratidão, carinho e respeito.
- Aos meus amigos de graduação pelos quatro anos de conquistas pessoais, intelectuais, pela alegria e companheirismo.
- Aos professores que se fizeram especiais na minha vida não somente pelos conhecimentos passados em sala de aula, mas também pela simpatia, dedicação e carinho.
- Aos entrevistados que se dispuseram a fazer parte deste trabalho dando sua opinião de forma respeitosa e concisa.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal dar visibilidade aos processos de constituição dos espaços de convivência homossexual da juventude parnaibana no tempo presente. Através da análise de dados, entrevistas e relatos das vivências dos jovens homoafetivos produzidos a partir da metodologia da História Oral. As particularidades dessas vivências são o cerne da pesquisa, logo os conflitos, as resistências, o preconceito e as rupturas fazem parte da trajetória desses jovens e sua relação com instituições como a igreja e a escola. O trabalho se inscreve nos parâmetros teórico-metodológicos da História Cultural, e problematiza o objeto em estudo a partir dos conceitos e teorizações de Michel Foucault (1985), Michel de Certeau (1994), Eric Hobsbawm (1989), dentre outros, darão um aparato teórico a este trabalho que perpassa mudanças profundas das mentalidades, materialidades e sociabilidades.

PALAVRAS-CHAVE: História; Sexualidade; Relações homoafetivas.

ABSTRACT

This study's main objective is to give visibility to the processes of constitution of living spaces parnaibana gay youth in the present tense. Through data analysis, interview and accounts of the experiences of young homosexual produced using the methodology of oral history. The particularities of these experiences are at the core of the research, so the conflicts, resistance, prejudice and breaks are part of the trajectory of these young people and their relationship with institutions such as the church and school. The work is part the theoretical and the methodological parameters of Cultural History, and discusses of object under study from the concepts and theories of Michel Foucault (1985), Michel de Certeau (1994), Eric Hobsbawn (1989), among others, will give a theoretical apparatus that pervades this work profound changes in attitudes, materialities and sociabilities.

KEY WORDS: History; Sexuality; Homosexual relationship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 01- EVENTOS PONTUAIS PERCORRIDOS PELAS PRÁTICAS HOMOAFETIVAS.....	11
1.1 As práticas sexuais na Idade Antiga.....	11
1.2 O período medieval e a lida com a homossexualidade.....	14
1.3 Ares de modernidade e despatologização da homossexualidade.....	18
CAPÍTULO 02 – A JUVENTUDE GAYPARNAIBANA E OS ESPAÇOS MORAIS CRISTALIZADOS.....	21
2.1 Os jovens e o meio familiar.....	21
2.2 A demonização das práticas homossexuais.....	26
CAPÍTULO 03 – ESPAÇOS LEGÍTIMOS E ILEGÍTIMOS DE CONVIVÊNCIAS HETEROGÊNEAS NA SOCIEDADE PARNAIBANA.....	30
3.1 Os locais de encontro dos garotos e garotas gays em Parnaíba.....	30
3.2 A escola como espaço de fomentação da pluralidade.....	35
3.3 As redes sociais e a sua importância como espaço de diálogo.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS.....	49

INTRODUÇÃO

A pesquisa para elaborar este trabalho passou primeiro pela vontade de obter algumas respostas as indagações referentes à sexualidade juvenil na cidade de Parnaíba. Saber dos constructos sociais, o papel dos pilares da sociedade, como a família, a Igreja, a escola e principalmente poder visualizar com maior proximidade as vivências destes jovens. A homossexualidade, a prática homoafetiva como uma manifestação da orientação sexual, é objeto de estudo de alguns pesquisadores e tal orientação sexual perpassa toda a história da humanidade.

O trabalho começa com um pequena visualização prévia em torno de situações pontuais que nortearam os rumos da história da homoafetividade. Jeffrey Richards, autor do livro *Sexo, Desvio e Danação: as minorias na Idade Média* (1993) é o principal referencial empírico do primeiro capítulo. A análise do autor atravessa a Idade Antiga, que é referenciada no primeiro capítulo e é o berço da cultura ocidentais sendo então os saberes e experiências dessa época uma base para o pensamento do ocidente. As práticas sexuais entre pares de homens e de mulheres desta época eram vistas de maneira muito diferente da atualidade, onde a perpetuação dos saberes revestia-se também do deleite sexual entre o homem mais velho e o homem mais jovem e a idade. A Idade média, a ascensão do cristianismo, os aspectos religiosos fundantes do pensamento do homem medievo, a Idade Moderna e a alavancada capitalismo, dos burgos, a Idade Contemporânea, as mudanças profundas dessas épocas citadas fazem parte da primeira parte do presente texto.

No segundo e terceiro capítulo há a utilização de entrevistas, sendo a História Oral bastante importante para a evolução da pesquisa, a História do Tempo Presente também faz parte da pesquisa que ocupa o tempo atual, sendo Eric Hobsbawn (1998) um dos grandes nomes que se valeram dessa ferramenta. A sexualidade, objeto principal do trabalho, é referenciada teoricamente, entre alguns autores, por Michel Foucault (1985), pois seus escritos vislumbram a subjetividade, a marginalidade e as fugas que os sujeitos fazem por causa das normatizações. Normatizações estas, que agarram também os espaços, que Michel de Certeau (1994) descreveu brilhantemente e o uso da sua obra *A Invenção do Cotidiano* retrata de maneira magnífica a formação dos espaços e as movimentações dos sujeitos ordinários o que entra em consonância com os locais frequentados pelos jovens homossexuais

de Parnaíba partindo do pressuposto do por que da destinação de certos locais para o público gay.

Os entrevistados, que são quatro, mas somente três responderam a perguntas referentes às nuances do cotidiano escolar, familiar, religioso, como se veem no meio social, que são espaços onde há a fomentação de grande parte das relações. Espaços estes que assim como descrito no título, são frequentados por quem se enxerga diante de um espelho, onde a sua frente há um corpo semelhante. Para que haja melhor compreensão, não somente os espaços são analisados, mas os papéis de gênero também entram na cadeia de análise, onde a diluição de valores e estereótipos atinge os papéis masculinos e femininos.

O outro entrevistado, um ministro de uma igreja evangélica deu seu relato e sua opinião a respeito da homossexualidade juvenil em Parnaíba, a relação da Igreja com o sujeito homossexual e os argumentos que o levam a ter uma opinião contrária à diversidade da orientação sexual. Importante ressaltar que a percepção bíblica sobre homossexualidade é o que norteia seu pensamento, onde há a correlação com o período medieval.

CAPÍTULO 01

EVENTOS PONTUAIS PERCORRIDOS PELAS PRÁTICAS HOMOAFETIVAS

1.1 As práticas sexuais na Idade Antiga

Na Idade Antiga, mais precisamente em Esparta (cidade-estado da Grécia), as práticas sexuais entre pessoas que dispunham do mesmo gênero tinham outra denominação, que era a pederastia, onde um homem mais velho assumia a responsabilidade de repassar conhecimentos para outro mais jovem e assumiam papel ativo nas relações sexuais. O termo homossexualidade até então não existia, sendo criado somente no século XIX e tendo conotação de doença, sendo o homossexual (termo criado em 1870) portador de comportamento sexual desviante da normalidade (IRAN MELO, 2010).

A homossexualidade e suas práticas na antiguidade foram interpretadas sob olhares diferentes em diversas localidades e temporalidades. O ser homossexual dar-se ao deleite de deitar-se com alguém do mesmo sexo e ter tal comportamento até mesmo no cotidiano¹, foi entendido de diversas maneiras ao longo dos séculos. O caráter biológico da homossexualidade é tema de debates, afirmativas e negativas. Para Gadpaille (1980), o comportamento homossexual já foi observado em todas as espécies em que a sexualidade foi pesquisada e observada. Dada tal afirmação, logo se tem a noção de que a homossexualidade não é exclusividade comportamental do ser humano. O decorrer do tempo traz realidades semelhantes em sociedades diferentes e tempos não concomitantes e outras que diferem cabalmente sobre o mesmo assunto, sendo que comungam de um mesmo espaço temporal.

Jeffrey Richards (1993) traz a contextualização das práticas sexuais na Grécia Antiga e também no Império Romano, que são berços da cultura ocidental. O tratamento dado ao comportamento homossexual naquela época era dispareno tocante ao que era considerado subversivo ou aceitável. Para melhor elucidação, a relação sexual entre pares do mesmo sexo na Grécia Antiga, que dispunha de uma sociedade em que a masculinidade ditava o que era conveniente ou não, tinha os papéis passivos e ativos como cerne do comportamento sexual.

¹ A noção de cotidiano empregada nesse trabalho vem de CERTEAU(1994). Que enfatiza a noção dos inúmeros comportamentos e inúmeras práticas dos sujeitos sociais. Para ele o cotidiano se inventa nas inúmeras praticas e “mil maneiras de caça não autorizada” as histórias que se “passam ao rés do chão”.

A prática sexual era concebida a partir da masculinidade, tendo em vista a própria organização social em torno do homem, e o *status* inferior da mulher nessa sociedade, sendo a pederastia prática corriqueira no seio da sociedade grega. Os protagonistas da pederastia eram um homem mais velho, chamado de *erastes*, e um homem jovem, chamado *eromenos*. *Erastes* tinha a função de ser o tutor, educar e direcionar o *eromenos*, que era admirado por qualidades como a força, velocidade e habilidade.

Humberto Rodrigues e Cláudia de Castro Lima (2008), dizem que o jovem, que era sondado aos 12 anos e caso o jovem e sua família concordasse, o mesmo seria o companheiro passivo até chegar aos dezoito anos. Em troca, o jovem receberia ensinamentos de filosofia e teria ao lado alguém com virtudes a serem absorvidas. Aos vinte e cinco anos, o até então jovem, tornava-se homem e esperava-se que ele tomasse o lugar de homem ativo dentro da sociedade grega. A pederastia visava à formação do jovem, tanto em Esparta quanto em Atenas. No exército espartano o amor entre soldados fortalecia o exército. Em nenhum dos dois casos estava excluída a relação com uma mulher, no presente ou no futuro².

De acordo com Jeffrey Richards, tal condição era fundamentada pela passividade do homem jovem e o papel ativo do homem mais velho. Essa dualidade estava cristalizada na sociedade grega e não poderia ser deturpada, uma vez que se um homem mais velho mantivesse relações sexuais com outro da mesma idade, seria considerado um subversivo, já que eram definidos os papéis do ativo e passivo. A passividade era elemento comum entre mulheres, jovens e escravos. Ao por em risco a hierarquia social, que não poderia ser subvertida, havia o repúdio por parte da sociedade (LACERDA, PEREIRA & CAMINO 2002).

A homossexualidade feminina, também conhecida pelo termo lesbianismo, termo esse que foi originado em uma cidade grega chamada Lesbos. O lesbianismo foi poetizado e trazido em forma de arte à Grécia pela poetisa Safo, que residia em Lesbos e que viveu entre 612 e 630 a.C. Em seus poemas, Safo deixava claro sua preferência por mulheres³

Em Roma, que foi profundamente influenciada pelos gregos, houve a assimilação da pederastia. Tal comportamento era aceito e também no que diz respeito ao relacionamento entre dois homens (*erastes*) da mesma idade. Caso acontecesse, seriam impedidos de exercer

² Mesquita Júnior, 2008, p. 10.

³ Mesquita Júnior, 2008, p. 10

função pública. Logo, percebe-se que Roma foi crucialmente influenciada pelos Gregos, mas no Império Romano, a prostituição masculina era aceita, então homens poderiam manter relações sexuais com mulheres, escravos e homens jovens. A dualidade bem definida dos papéis masculino e feminino era o centro da questão no que tangia a sexualidade dentro da sociedade romana. Sobre isso, Jeffrey Richards traz a seguinte afirmação:

É por isso que houve tanta reprovação a imperadores como Calígula ou Nero, que se vestiam como mulheres e assumiam o papel passivo nas relações homossexuais' e nada do gênero em relação ao imperador Adriano, que desfrutou de caso amoroso professor-pupilo com o jovem Antinoos, depois da morte do qual o pesaroso imperador batizou cidades em sua honra. (RICHARDS, 1993,p.138).

Humberto Rodrigues e Cláudia de Castro Lima (2008), descrevem que o que se entende hoje como homossexualidade era inexistente na Idade Antiga, como já citado no primeiro parágrafo do capítulo e que as relações homoeróticas percorreram não só o que é concebido como berços da cultura ocidental (Grécia e Roma), mas que fazia parte de tribos das ilhas Fiji, Nova Guiné e Salomão, há aproximadamente dez mil anos, onde o ato sexual entre duplas pessoas do mesmo sexo era encarado como forma de se alcançar o conhecimento sagrado. O Código de Hamurábi (1750 a.C.) elaborado pelo imperador Hamurábi na Mesopotâmia, teve as leis Hititas como sendo uma de suas herdeiras e nelas há o reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo. A Antiguidade não entendia o sexo como ato exclusivo para a procriação. Suas crenças estavam permeadas de deuses que davam-se ao deleite sexual com par do mesmo gênero como, por exemplo, as culturas grega, romana, hindu e da Babilônia.

De acordo com Funari(2002) a prática sexual no mundo antigo não passa ainda pelo crivo que veio a sofrer a partir de dois pontos: primeiro a concepção judaico-cristão que via a sexualidade apenas no sentido de reprodução e trouxe consigo a ideia de culpa e de pecado, e segundo as concepções científicas do século XIX. Segundo Funari:

As relações sexuais entre os humanos não existem fora da cultura e, por isso mesmo, nunca poderíamos pensar em relações sexuais "segundo os instintos animais", pois esses instintos, que existem, só se expressam em contextos específicos (FUNARI, 2002, p. 43).

Portanto, neste trabalho não entendemos essas práticas descoladas de uma dada realidade social e cultural, pelo contrario se entendemos que há um preconceito marcante na sociedade atual ao qual estamos inseridos é porque em grande medida somos frutos dessas

concepções, tanto religiosas quanto científicas. No que se refere a cultura grega a concepção em torno da sexualidade ainda não passa por essas questões, pois os gregos não sentiam culpa, nem encaravam o sexo como algo cientificamente analisável: para eles o sexo era algo ligado à natureza das coisas e, portanto, às forças divinas⁴.

1.2 O período medieval e a lida com a homossexualidade.

A Idade Média deu um novo tratamento para a sexualidade, sendo a questão centrada nas profundas mudanças que se deram no campo religioso e por consequência, comportamental. O advento do cristianismo, que tem raízes no judaísmo e segue a linha abraâmica, trouxe profundas mudanças na sociedade romana. De início, o cristianismo foi rejeitado, mas em 313, o Imperador Constantino, através do *Edicto* de Milão, concedeu liberdade de culto aos cristãos. O cristianismo, que é monoteísta e baseia-se em um livro sagrado chamado Bíblia, e que nele se encontram passagens que fundamentam tanto o monoteísmo, quanto o tipo de comportamento em relação à sexualidade, que fez com que houvesse embates dentro do império romano entre o que já estava construído em Roma e a religião cristã. A propagação rápida e eficaz do cristianismo fez com que em 392, o cristianismo se tornasse a religião oficial do império romano.

Jefrey Richards (1993) transcorre sua análise para importantes fatores da nova perspectiva religiosa romana, antes adepta do paganismo. O cristianismo não conhecia o termo “homossexual” e enxergava a homossexualidade como hábito adquirido. A masturbação, o sexo anal entre homens e o sexo sem o fim da procriação, eram colocados na mesma categoria que atendia por sodomia ou sodomita. Daniel A. Helminiak, na sua obra *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*⁵, analisa o teor pejorativo do termo “sodomia”. A sodomia tem significados diferentes para Helminiak. Ao analisar o que há por trás dessa palavra, ele amplia o discurso, que não só significa a relação homossexual entre homens, como a Igreja delimitou, mas há todo um contexto histórico que perpassa também os costumes das cidades de Sodoma e Gomorra. Sodoma era conhecida por ser quente, região desértica, ao anoitecer o frio era intenso e era nenhum pouco hospitaleira para com os viajantes que por lá passavam.

⁴FUNARI, 2002, p. 45

⁵HELMINIAC, Daniel A. *O que a bíblia diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.

Certa vez, um homem chamado Lot, que não era nativo de Sodoma, vê-se numa situação em que dois forasteiros foram convidados por ele para pernoitarem em sua casa. Ao saberem que dois forasteiros estavam hospedados na casa de Lot, moradores foram a sua casa para retirá-los de lá e Lot sugeriu que não fizessem nada para com seus convidados, mas que poderiam fazer o que quisessem com suas duas filhas. No livro de Helminiak, há indagações quanto à atitude de Lot em trocar o conforto de seus convidados por suas filhas. A palavra sodomia pode não ter somente a conotação homossexual. O autor mostra que há conotação sexual, devido o oferecimento das filhas para que os homens da cidade fizessem o que quisessem, mas há também a questão homossexual, que atribuem ao fato de Lot querer “conhecer” os seus visitantes. A palavra “conhecer” pode ser entendida como desejo de manter relações sexuais, mas também há a negativa dessa teoria e que “conhecer” não tem a ver com a questão sexual.

A Idade Média trouxe consigo, junto a sua cristandade, um conjunto de regras que deveria ser seguido. A religião cristã desaprova a prática homossexual, mas num primeiro momento ao analisar o livro sagrado, os cristãos não encontraram alguma passagem que esclarecesse como Jesus Cristo lidava com os homossexuais. A Igreja Católica, que se fez forte, trouxe consigo padres que formataram a maneira como lidar com a homossexualidade e o portador de tal comportamento. Delinear o que era legal e ilegal teve a participação de clérigos como Jerônimo, Clemente Orígenes e Agostinho. As premissas do que viria a ser o sólido conjunto de regras a serem obedecidos foi decisivo para nortear o que deveria ser feito.

A homossexualidade passou a ter o papel de causadora de pragas e doenças. A sodomia sofrera retaliações e a condenação da homossexualidade era justificada no livro de Levítico, nos versículos 18 ao 22, que diziam: “ Não te deitarás com um homem, como se fosse mulher. Isso é uma abominação.” Abominação que Helminiak em sua pesquisa descreve como :

Mas nas Escrituras hebraicas a palavra “abominação” é usada para designar muitas coisas. As abominações em questão aqui são as do “adultério” e “prostituição” de Jerusalém, e estas palavras são utilizadas simbolicamente. Elas não se referem a atos sexuais, mas à idolatria, á infidelidade de Israel ao Senhor Deus, e ao sacrifício e assassinato de crianças. Apesar de o versículo 50 mencionar as “coisas abomináveis” e se referir a Sodoma, o versículo 49 diz exatamente quais foram estas coisas abomináveis. Ao afirmar categoricamente qual foi o pecado de Sodoma, o sexo entre homens simplesmente não é mencionado. (HELMINIAK, 1998, p.44)

O que acabou por prevalecer para a Igreja foi a conotação especificamente sexual. O sexo entre homens teria sua punição justificada na Bíblia e a partir desse pressuposto a Igreja encontrou seu embasamento bíblico para justificar sua política frente a homossexualidade. O coito para fim procriativo passou a ser a única possibilidade de se fazer sexo, sendo que deveria estar ligado ao casamento. A masturbação, o sexo feito durante a quaresma com a esposa eram atitudes condenáveis, mas as penalidades aplicadas a esses atos eram bem mais brandas do que em relação à sodomia. Havia toda uma sistemática para as punições. Guias e confessores eram o que norteava a atitude dos clérigos para com os pecadores. O pecador poderia ser redimido se houvesse arrependimento e pagasse penitência.

No século XII, houve o ressurgimento e o fortalecimento dos burgos e das cidades, que foi contemporâneo às reformas eclesiásticas. A ascensão dos burgos trouxe uma nova roupagem para as interações entre os sujeitos que tinham em comum a homossexualidade. Regiões em que havia comércio intenso, portos, como no caso de Veneza, tinham seus locais de vivências e diversão. Redutos como as casas de banhos eram exemplos desses espaços compartilhados por homossexuais. Obras clássicas da literatura grega renasceram e foram conhecidas por jovens, o que ocasionou a descoberta da cultura grega e os costumes daquele povo, que em alguns de seus textos, falavam abertamente do amor entre homens. Os jovens eram chamados de *Ganimedes* e os mesmos eram comumente relacionados com a prática homossexual, juntamente com nobres e clérigos. As cidades eram os centros homossexuais e o campo não demonstrava evidências semelhantes do que ocorria nas cidades, mesmo havendo evidências, como nos registros de Tribunais de Veneza, que havia homossexuais em todos os agrupamentos de idade e classes.

A Igreja não deixou que houvesse a propagação da homossexualidade, sem que houvesse uma repaginação quanto a sua conduta frente à questão sexual. Iniciou-se então a época de maior dureza em relação às punições direcionadas aos pecados sexuais. O combate aconteceu não somente entre os leigos, mas havia muita preocupação com o meio eclesiástico, que estava “contaminado” com a sodomia e a bestialidade. Em meio as medidas que estavam a ser formuladas e reformuladas para combater os “pecados da carne”, houve quem fosse

radical e quem tinha uma postura mais branda, como São Pedro Damiano e Papa Leão IX e o arcebispo Anselmo de Canterbury, respectivamente.⁶

A vertente mais radical é que tem sucesso e o período de maior perseguição no que diz respeito aos sodomitas e outras minorias tidas como marginais, como os hereges e bruxas, passaram a não ser somente vigiados pelas autoridades eclesiásticas, mas também por leigos e autoridades públicas. Uma série de penalidades além das fogueiras foram impostas aos sodomitas, como ter os bens confiscados, serem castrados, surrados, entre outras formas de coibir a perpetuação das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. O Direito Romano deu subsídios para os castigos aplicados aos sodomitas, como a morte pela fogueira. Pregadores como São Bernardino de Siena, eram os responsáveis pelos sermões dirigidos a população que deveria ser reta em seu comportamento, expiar seus pecados e vigiar não somente a si, mas a quem estivesse ao seu redor. Florença, cidade italiana, acabou se tornando a cidade símbolo da sodomia e a comparavam com Sodoma e Gomorra⁷.

Uma figura que se tornou muito conhecida por sua coragem, habilidade, liderança e morte, foi a lendária Joana D'arc. Joana, que era francesa, comandou tropas, dizia ouvir vozes sobrenaturais, lutou na Guerra dos Cem Anos, ganhou prestígio e admiração. Trajava roupas masculinas e os cabelos curtos eram outra constante sua. Quando capturada e julgada, uma de suas acusações deu-se por conta de usar roupas masculinas. Ela foi queimada viva aos dezanove anos, na Praça do velho Mercado, na França⁸.

A ascendente burguesia colaborou com a vigilância sobre os sodomitas, fazendo parte do corpo que adestrava a sexualidade na Idade Média. Um exemplo clássico de perda de direitos, bens confiscados, julgamentos realizados de maneira suspeita e condenações à morte, foram os Templários, que formavam uma ordem militar-religiosa denominada Ordem dos Cavaleiros Templários, fundada em 1120, mas reconhecida pela Igreja Católica apenas em 1129 durante o Concílio de Troyes. Era formada por nobres e tinha como objetivo inicial proteger peregrinos que fossem à Terra Santa⁹. Eles detinham poder, riquezas e sofreram com acusações graves advindas do rei Filipe IV da França. As perseguições não se limitaram à França, onde se encontrava a sede da ordem, mas estendeu-se pela Inglaterra, Portugal, Chipre

⁶RICHARDS, 1993, p. 102

⁷RICHARDS, 1993, p. 102

⁸MESQUITA JÚNIOR, 2008, p. 10

⁹MORETTI JUNIOR & REIS, 2011, p. 249

e outros Estados europeus. A “caça às bruxas” dirigida aos homossexuais entrava então em tempos de extrema evidência (RICHARDS, 1993).

1.3 Ares de modernidade e a despatologização da homossexualidade

O medievo havia mudado toda uma estrutura política, comportamental e religiosa. A Igreja constituiu-se forte, o cristianismo tornou-se norteador para muitas decisões e os que se encontravam à margem da sociedade medieval estavam sob a mira da Inquisição, que era a instituição responsável pelas averiguações e reprimir as ações contrárias aos dogmas da Igreja Católica e no o Tribunal do Santo Ofício acontecia os julgamentos dos réus. A Idade Moderna deu novas perspectivas para as pessoas, mas muito do que se havia constituído na Idade Média estava presente ainda com força na Idade Moderna.

A Idade Moderna, que carregava costumes da era medieval, viu-se confrontada ao ser o berço temporal de mudanças extremamente significativas e que iam ao sentido oposto ao que foi impregnado na mente dos que foram contemporâneos do período medieval. Os feudos já estavam sendo ofuscados pelas cidades e daí resultou toda uma gama de transformações. A Idade moderna foi palco de grandes eventos como o a ascensão das cidades, a Reforma Protestante, a Contra Reforma, o avivamento da burguesia, o nascimento do capitalismo e as grandes navegações. A Igreja, que lutava para ordenar a sexualidade e conter os desejos sexuais da população de grande parte da Europa, agora se via em uma era em que o contexto social, político e econômico diferia dos tempos passados. A passos lentos, as transformações foram acontecendo e a homossexualidade não ficou alheia a essas mudanças. No século XVI, houve a assimilação de perspectivas mais humanistas e a prática sexual entre homens passou a ser defendido por filósofos.

A Reforma protestante, promovida por Martinho Lutero, cedeu novas perspectivas para o homem “moderno”. A Reforma ramificou-se e não apenas fixou-se na figura de Martinho Lutero, mas percorreu vários Estados europeus, e um deles foi a Inglaterra. Na Inglaterra, Henrique VIII, promoveu o divórcio por questões pessoais e o instituiu na sua própria igreja, a Igreja Anglicana. Atitude certamente ousada para pessoas que viveram à sombra do regime inquisitorial e repressivo da Idade Média.

A poderosa Igreja Católica não deixaria essas grandes mudanças afetarem e se perpetuarem por toda a Europa. A Igreja necessitava rever sua conduta e adequar-se a algumas transformações e tratar com mais dureza os desviantes ou que pretendiam desviar-se de seus dogmas e mandamentos, então criou a Contra Reforma, que foi uma medida de amenizar a “rebeldia” dos protestantes. Instituiu então o Tribunal do Santo Ofício, que ficou encarregado de julgar os subversivos da época. Denúncias de heresia, sodomia, bruxaria e outros delitos, seriam encaminhados ao tribunal da Igreja Católica.

No artigo “As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional”¹⁰ há a afirmativa que diz que homossexualidade ganhou outro inimigo no século XVII: o capitalismo. Nessa época, o capitalismo tomava formas mais contundentes e a homossexualidade ficou como um entrave para o consumo, ou seja, a família, a procriação era fundamental para a manutenção e fortalecimento do capital. O capital fortalecia então um fundamento dogmático da Igreja Católica. A cruz e a moeda jogando do mesmo lado onde então a justificativa religiosa e moral e também a justificativa mercadológica.

Somente as argumentações da Igreja e do capital não bastaram, a ascensão burguesa, descobertas científicas, a aplicação do método, desenvolvimento dos estudos humanísticos, entre outros, deram nova roupagem às práticas sexuais entre pessoas portadoras do mesmo gênero. No século XIX, a argumentação contra a homossexualidade foi o discurso da doença. A busca incessante pela razão, a fomentação da “verdade” advinda de experimentos metódicos e comprovados, era o que justificava e convencia na época. Sigmund Freud foi quem tirou um pouco de discurso moral da homossexualidade. Em contrapartida instaurou o discurso patológico, sendo a homossexualidade uma doença mental e que deveria ser tratada. Em 1969 houve uma revolta derivada da invasão policial ao bar de Stonewall, em Nova York, nos Estados Unidos. Iniciou-se então o movimento *gay*, que trouxe à tona os sujeitos até então entendidos como pervertidos, doentes, marginais¹¹. A luta por igualdade espalhou-se ao redor do mundo, trazendo maior consciência política sobre o movimento, sobre o “ser” homossexual. Neste sentido Castelo Branco (2005) afirma que os grupos homossexuais estiveram até esse momento divididos, com exceção de pequenos gestos isolados, e até esse momento tendo que esconder sua condição homossexual.

¹⁰DIETER, 2012, p. 04

¹¹NETO, 2010, p. 12

A despatologização da homossexualidade, até então chamada de homossexualismo, onde o sufixo “ismo” deixava a entender a patologia da homossexualidade, ocorreu apenas em 1974 quando a Associação Americana de psiquiatria retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais. Em 1993 o homossexualismo deixou de aparecer na Classificação Internacional de Doenças¹².

¹²DIETER, 2012, p. 04

CAPÍTULO 02

A JUVENTUDE GAY PARNAIBANA E OS ESPAÇOS MORAIS CRISTALIZADOS

2.1 Os jovens e o meio familiar

A cidade de Parnaíba está sendo palco de um avanço no que tange a aceitação e exposição da homossexualidade entre os jovens. O veloz avanço tecnológico, a facilidade das comunicações, os grupos, os locais e o afloramento do desejo sexual estão entre os fatores que contribuem para as novas ideias e perspectivas que afetam tanto ao indivíduo quanto a sociedade.

Neste capítulo trabalho com quatro entrevistados, o jovem estudante de dezoito anos homossexual que utilizei o nome de Marcos Aurélio, nome fictício já que o mesmo não quis o nome declarado, a menor das iniciais A.M.S., o pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular chamado Benedito Santos e o estudante Lucas Araújo, também homossexual com o objetivo de trazer um maior esclarecimento sobre a convivência dos homossexuais em determinados espaços desta cidade.

As entrevistas foram utilizadas já que o método da história oral, fundamentada teoricamente por Paul Thompson (1992) através da obra “A Voz do passado: história oral” que tem um importante papel dentro das pesquisas históricas onde pode-se conseguir algo mais próximo a fonte, onde o objeto de pesquisa transforma-se em sujeito, dando uma sensibilidade a mais para o trabalho. Outro aspecto enfatizado é do trabalho ser baseado em temas estudados na atualidade sendo abordado o objeto de estudo dentro da história do tempo presente. A História do Tempo presente, que Marieta de Moraes Ferreira (2000) diz ser fundamental para aproximar e dar fidedignidade para informações colhidas, juntamente com a história oral, ou seja, esses dois aspectos ajudam a dar o suporte necessário para acompanhar a rapidez das transformações que estão a ocorrer.

Eric Hobsbawn (1998), conhecido historiador, fala do distanciamento que se deve ter do assunto tratado, não se pode jogar os próprios valores e torná-los incipientes na pesquisa. A História do Tempo Presente torna-se de fundamental importância ao tratar de vivências atuais. Segundo Marieta de Moraes Ferreira:

“Assim, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social.” (MORAES FERREIRA, 2000, p. 11.)

Em entrevista, um dos jovens, Marcos Aurélio, refere-se à família de maneira afável, mas que a aceitação plena não ocorre. Uma relação confusa foi o que resultou da confissão dele, no qual a mãe não aceitou de início a homossexualidade do filho, mas atualmente já convive de maneira mais respeitosa com a orientação sexual do mesmo. Por Marcos Aurélio sobre a relação com sua família:

Minha relação, ela é bem confusa. Acaba se tornando mais negativa que positiva porque como muitas famílias hoje em dia, elas aceitam do ponto de vista que não te expulsam de casa e não querem saber o que você faz e quase nunca eles vão te apoiar. O que vale no final das contas é que você vai dar orgulho pra família. E assim a gente vai vivendo. Cada um no seu mundo, com suas próprias coisas, seus objetivos e seus próprios conceitos¹³.

A família enquanto grupamento humano, é fundamental para o meio social, constitui-se como uma das bases sociais. Para o indivíduo e para as regras vigentes na sociedade, a família serve como principal e primeiro contato do indivíduo com a coletividade. O fato de o sujeito nascer já com todo um ensejo de interesses, trejeitos, modo de viver já definidos dentro da própria família. Os laços sanguíneos fomentam a proximidade, a afetividade (que tende a ser moralmente uma obrigação), a hierarquia, etc.

Nas entrevistas, um aspecto comum é a opinião relacionada ao mostrar-se como realmente é para os familiares, vizinhos, colegas de escola, enfim, nota-se uma vontade de neutralizar o aspecto sexual do ente familiar. Nas entrevistas, a busca e a valorização dessa neutralidade são recorrentes, dando a entender que há uma disciplina a seguir no que diz respeito à própria homoafetividade. Fica claro que o grande problema é a exposição, o falatório, a reprovação. Isso é o que mexe com os brios da família, que nas entrevistas cedidas não veem a homoafetividade como o principal problema, mas o que os outros vão achar da conduta do familiar; ou seja, o que é do âmbito familiar não pode ser violado como coloca em

¹³ AURÉLIO, Marcos. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 20/12/2012.

sua obra “Quem me Educa? a família e a escola diante da (in) disciplina” do filósofo Dante Donatelli onde ele cita:

Os papéis históricos assumidos pela família nesses últimos cento e cinquenta anos sempre deixaram claro que aquilo que pertence ao âmbito da família não pode ser violado, não pode ser exposto ao público. Preservar a vida privada é, na verdade, resguardar a dignidade da família. (DONATELLI, 2004, p. 24).

Lucas Araújo é um jovem de 20 anos, *gay*, filho de pais separados recentemente e tem uma irmã lésbica de 18 anos. No seu depoimento diz que os dois agem de maneira muito diferente, sendo que Lucas se diz mais reservado, enquanto a irmã não se preocupa com isso, o que gera constrangimento dentro da família. A proximidade desses dois tipos antagônicos de conduta faz surgir comparações e caracterizações do que é aceitável e reprovável dentro da convivência familiar. Lucas relata que a irmã tem trejeitos masculinos e usa tipos de roupas destinadas ao público masculino e isso o incomoda. O jeito de falar, andar, tudo a “entrega”, ou seja, denunciam como lésbica, como há em determinado trecho da entrevista, onde ele fala da convivência entre eles dois e com a família quando perguntado se há respeito dentro do contexto familiar:

É... Eu não vou dizer que não respeitam porque ela sempre teve uma conduta desenfreada, certo? Ela sempre era muito vulgar, não se dava bem com ninguém, brigava demais e o resultado do que ela fazia não deixava meu pai muito orgulhoso do que ela era. Nunca apoiaram em nada, nem incentivaram. O que houve foi exatamente o contrário, que ela não levasse essa vida, entendeu?¹⁴

Todo esse incômodo é consequência da falta de neutralidade, de acobertamento da orientação sexual que ela não se preocupa em fazer. É pertinente e importante quando se trata do “fazer de tudo para que não percebam” ou pelo menos não reduzam todas as características de fulano ou fulana aos termos “viado” ou “sapatão”. A anulação ou neutralização da homoafetividade são medidas que podem repreender relacionamentos amorosos e exacerbar outros que não existem ou são forjados, mas que tem função social ao abster o homossexual

¹⁴Depoimento concedido por Lucas Araújo a Ana Karla da Silva Cruz em 22/12/2012

de críticas e dar certa segurança para ele ou ela por ser o tipo “normal” e moral de relação amorosa.

A moralidade está enquadrada em um plantel de normas que devem ser seguidas e caso haja alguma variação deve ser imediatamente sanada. A prevenção deste “problema” dá-se na sociedade através da família, das religiões, da escola, que são instituições que perpetuam suas regras no jogo das vivências e subjetividades humanas. No artigo “Homossexualidade e Discriminação: o Preconceito Sexual Internalizado¹⁵” há uma reflexão acerca do ato de assumir a orientação sexual e consequências que podem ser drásticas:

As relações com os membros da família também são cruciais. Ao assumir sua orientação sexual o homossexual geralmente provoca um transtorno na dinâmica familiar e o surgimento de reações negativas por parte desta é bastante comum. Em casos extremos os gays sofrem violência física ou são expulsos de casa, o que contribui ainda mais para o estresse. Em outros, no entanto, após um período de luto familiar, o homossexual acaba ganhando aceitação, apoio e amor de seus familiares, ajudando-o a lidar com o estresse de ser um indivíduo estigmatizado. (NASCIMENTO SILVA, 2007, p. 83)

Compreende-se que existem segregação e modelos pré-definidos dentro da “comunidade *gay*”, onde nem todo *gay* é “viado” e nem toda lésbica é “sapatão”. A afetação é importante no meio, pois quanto mais feminino é o garoto e quanto mais masculina é a garota, mais expostos estão e já recebem denominações diferentes. Lucas dá um exemplo clássico quando revela que sua irmã usava suas cuecas e que os dois viviam brigando por ela usar as roupas dele. Atualmente, esse quadro de intrigas mudou desde que seus pais se separaram, onde Lucas afirma ter maior responsabilidade com a irmã.

O lesbianismo adentra na questão da mulher e da homossexualidade, que foram historicamente relegados à margem das discussões, mas que atualmente afloram em debates tanto do cotidiano, quanto da academia, o que dificulta pesquisas relacionadas ao tema e torna-se desafio para quem estuda a homossexualidade feminina, o cotidiano das práticas afetivas, sexuais e as nuances ocorridas na vida das mulheres homossexuais. Luiz Mott (2001), analisa a importância das práticas homoeróticas entre homens e entre mulheres, sendo a prática sexual masculina de gravidade muito maior que das mulheres, pois dois

¹⁵SILVA, Adriana Nunan do Nascimento. Homossexualidade e Discriminação: o preconceito sexual internalizado. Volume I, Rio de Janeiro, 2007.

“semeadores” estavam a desperdiçar seu esperma. Entre as mulheres obviamente não havia esse desperdício, então nessa lógica Luiz Mott afirma:

A relação sexual entre duas mulheres não representava a menor ameaça ao projeto super-produtivo tribal, posto que nessa sociedade machista e patriarcal não se levava em conta o interesse sexual das fêmeas, mas a vontade e o prazer dos machos e seu orgulho em demonstrar, com farta prole, sua potência e poder. (MOTT, 2001, p. 43)

Ronaldo Vainfas (1997) mostra como era feita a descrição do ato sexual entre mulheres onde há clara alusão ao sexo entre homem e mulher, onde há a figura do ativo e do passivo. Há uma tentativa de homogeneizar a prática sexual, colocando papéis exercidos no sexo entre homens e mulheres como sendo a única possibilidade mesmo sendo praticada por sujeitos do mesmo gênero.

A violência é uma das consequências do preconceito, sendo casos de agressões e assassinatos recorrentes até os dias de hoje. Os meios de comunicação noticiam casos de agressão quase que rotineiramente. “Meninos não choram”¹⁶ é um filme de 1999 que, baseado em fatos reais, mostra fatos determinantes para a morte de Teena Brandon (Hillary Swank), jovem lésbica de 21 anos que se traveste de homem e utiliza trejeitos normatizados como masculinos. Por ter se apaixonado por outra garota (Lena), vivida pela atriz Chlöe Sevigny, entra num jogo arriscado, logo Lena é objeto da obsessão de John, um valentão de Falls City. A vida de Teena Brandon, que em Falls City troca os nomes para esconder seu gênero, torna-se uma mistura de ciúmes, paixão, preconceito e violência. O filme mostra como esses ingredientes podem promover tragédias, como o estupro e assassinato.

A tentativa de neutralizar a homoafetividade em plena juventude pode ser encarada como algo frustrante, uma vez que é nesse período que há a busca por encontrar-se e colocar-se no mundo. A identificação referente à orientação sexual é um dos aspectos mais importantes do ser humano e para Marcos Aurélio a aceitação familiar é parcial, confusa e o fato de não ser expulso de casa e não quererem saber o que se passa com ele. Na entrevista de Marcos Aurélio também fica exposto o distanciamento que há na relação, onde cada um vive

¹⁶CHORAM, Meninos não. Direção de Kimberly Piercy. Estados Unidos, 1999. DVD (118 min.), som., color. Dublado. Port.

no seu mundo, com seus próprios conceitos e no final das contas o que vale é dar orgulho pra família, segundo ele.

Famílias que ao longo das gerações convenceram-se de que a heteronormatividade é o único caminho para se encontrar a moralidade, mostra que tem dificuldades no processo de aceitação da homossexualidade dentro do seio familiar. A.M.S¹⁷. convive com avós e há o choque de gerações dentro do lar:

Com a minha família eu acho que... A gente tem uma relação bem amigável digamos, né? Porque eu cheguei a conversar, a dialogar bastante, mas querendo ou não, como eu moro com meus avós há uma tremenda dificuldade pelo fato de não ser do tempo dela, não tá atualizada com a modernidade, então querendo ou não, ela julga um pouco. Ela: ‘Ah, você tem que ser igual eu. Foi aquele namoro na porta, de mão dada, você tem que ter aquele namoro na porta, de mão dada e com o sexo oposto, nada de namorar uma menina, mesmo sexo.’ Então isso pra ela é um pouco estranho, mas acho que com o tempo ela ta se adaptando um pouco mais, ela ta tendo um pensamento mais aberto sobre isso, então já tá melhor, acho que tá muito mais fácil. Eu tava conversando com ela, falando que de alguma forma tô me relacionando com alguma menina, então, lógico, como é família tem aquela coisa do que o público vai achar.¹⁸

A cultura, a diluição de conceitos, comportamentos, a cristalização de outras regras, associação e a dissociação, fazem da sexualidade uma teia que se encontra em processo de feitiço. Denominações e conceitos vagos ou reducionistas já não dão conta da diversidade que agora inicia mais abertamente o “assumir-se” perante as instituições sociais.

2.2 A demonização das práticas homossexuais

As igrejas católicas e evangélicas serão as retratadas neste tópico por serem as que mais mobilizam fiéis no país. Sua força não só nos seus templos como nos meios de comunicação e na sociedade como um todo, motivam a escolha para as entrevistas de dois jovens e um pastor ligados ao Cristianismo.

¹⁷Foi colocada apenas as iniciais no sentido de que a jovem entrevistada tem menoridade.

¹⁸ A. M. S. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 20/12/2012.

A homossexualidade na perspectiva cristã é altamente pecaminosa, pois o pecador vai contra a natureza humana. A junção de corpos de pessoas do mesmo sexo não multiplica a vida na Terra. Esse pensamento tem aparato bíblico, tido como o livro portador da palavra de Deus. As escrituras atravessaram os tempos e em pleno século XXI ainda serve de base e porta a verdade “única”. Não é a intenção de o presente trabalho fazer dessa temática polêmica uma dicotomia em que homossexualidade e religião são avessas em sua essência. Dante Mesquita Júnior em sua monografia “A Homossexualidade à Luz do Artigo 235 do Código Penal Militar e o Anacronismo da Lei”, diz:

A relação entre as Igrejas e a homossexualidade sempre foi muito conturbada, pois os dogmas dessas religiões conceituam a prática da homossexualidade como sendo um pecado mortal, contrária à natureza humana, ofensiva à moral e à sensibilidade de tudo aquilo que é julgado sagrado por estas entidades. (MESQUITA JUNIOR, 2008, p. 16.)

Em entrevista gentilmente cedida pelo Ministro da Igreja Quadrangular, o senhor Benedito dos Santos, nota-se brandura em relação ao homossexual que deseja se converter, mas forte repreensão a tal comportamento. O *gay* é relegado ao inferno e sua orientação sexual é fruto do encosto do diabo, segundo o ministro. A opinião do ministro vai de encontro ao objetivo da relação sexual, que paira sobre a questão reprodutivista. Homem com homem e mulher com mulher são aberrações, logo não tem por finalidade a reprodução.

A demonização das relações sexuais entre pares do mesmo sexo são advindas principalmente da Idade Média, como consta no primeiro capítulo. A ascensão do cristianismo trouxe novos olhares acerca da homossexualidade. Embora haja interpretações que minimizem a carga negativa da homossexualidade frente ao cristianismo, a corrente interpretativa que ganhou força e se manteve foi a que condena e combate. Um exemplo desse combate foi que no Brasil, o Tribunal do Santo Ofício veio em 1591 e constatou casos de práticas homossexuais. Nos documentos, encontram-se riquezas de detalhes e um cuidado maior em relação aos detalhes íntimos praticados durante o coito. A riqueza de detalhes era importante para poder julgar o réu. Os documentos encontrados e que dão embasamento para a análise são descritivos, quantitativos e prezam pelo julgo das relações sexuais entre homens. As cópulas homossexuais foram entendidas pela inquisição portuguesa como heresia. O alto grau de detalhes como a quantidade de cópulas, se houve sexo anal e a existência ou não de

ejaculação, são quesitos que aparecem nos documentos, como citado no texto de Ronaldo Vainfas:

Nos processos de sodomia masculina, não obstante contenham relatos riquíssimos em vários sentidos, prevalece, no tocante às relações sexuais, narrativas fortemente apegadas ao número de cópulas e de parceiros, à genitalidade e à ocorrência ou não de ejaculação (VAINFAS, 1997, p. 243).

O ministro, em seu depoimento, revela o caráter pecaminoso da afetação homossexual. Os jovens, segundo ele, deixam-se levar pelo desejo, pela carne e que os jovens que se deleitam com pares do mesmo sexo estão despreparados espiritualmente. Quando interrogado sobre sua opinião sobre o jovem homossexual ele responde:

Bom, primeiro que é um jovem e adolescente despreparado espiritualmente. Colocando pelo lado espiritual, segundo pelo lado sentimental que leva esse jovem a ir pela carne, a atração pela pessoa. Então não tem uma preparação, leva por aquilo que ele enxerga, que ele olha, por aquilo que ele sente.¹⁹

Em cada fala, ele repete que tal argumentação encontra-se baseada na bíblia e conta com a ajuda de um jovem fiel chamado Bruno para encontrar as escrituras. Escrituras dos livros de Levítico, Coríntios e Romanos são as vedetes da argumentação contrária à aceitação da homossexualidade como uma vertente da orientação sexual:

E, semelhante, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade, uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. (Romanos, 1: 27).

É perceptível como há uma naturalização evidente do papel da mulher e do homem, havendo a delimitação das práticas sexuais de ambos os gêneros. O contexto em que a escritura foi concebida difere dos dias atuais, mas ainda assim existe a permanência de fundamentar opinião através dos livros bíblicos citados acima. Em tempos de mudanças profundas e rápidas, como um jovem se vê dentro de uma crença religiosa? Para essa

¹⁹ SANTOS, Benedito dos. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 30/12/2012.

responder a essa pergunta, Marcos Aurélio responde de maneira enfática o que esperava obter ao estar ligado a uma religião e como se sente atualmente em relação a isso:

Na verdade eu me declarava católico, mas era como se eu fosse cego. Eu enxergava a religião como a cura pra doença homossexual, entendeu? E tipo pensei que... Até assim: ah, eu posso ser padre, me esconder na religião dessa forma. Mas a partir do momento que eu parei e disse: não, por que que eu tenho que procurar essa cura? Por que que eu preciso ficar com uma mulher e fingir que eu sou feliz com ela? Eu não preciso disso. E aí que eu venho em tornando o que sou hoje. Uma pessoa que não segue uma religião específica, mas acabo acreditando que tem algo maior que ta por mim.²⁰

Marcos Aurélio desvinculou-se da religião católica, mas há quem permaneça no meio religioso mesmo sabendo da contrariedade que existe entre catolicismo e homossexualidade. A.M.S. continua sua ligação com a cristandade, mas sabe que a aceitação não acontece:

Sim, minha família toda é ligada ao cristianismo. Com o cristianismo é muito difícil pra eles ta aceitando porque a Igreja é totalmente contra o casamento de homossexuais. Com esse avanço agora, eu acho que a Igreja ficou um pouco chocada, então minha família... Como eu já nasci nesse meio, vendo os conceitos, a doutrina da Igreja Católica, então como a Igreja Católica é contra isso e eu sou ligada é... A gente chega a comentar bastante sobre isso e eles não aceitam de forma alguma.²¹

AM.S. é homossexual e católica, o que caracteriza uma contradição. Com base na entrevista dela, percebemos que a homossexualidade não se caracteriza como empecilho para ela frente a sua crença religiosa ao contrário de Marcos Aurélio. Ele esperou a “cura” para a sua orientação sexual e ela não teve a mesma atitude, o que pode caracterizar a reação de cada um em relação a sua crença. São formas de lidar e expectativas distintas que acabaram por determinar rumos diferentes.

O Ministro Benedito dos Santos relatou nunca ter havido caso de algum jovem fiel da Igreja Quadrangular que fosse homossexual, mas que aparecem pessoas procurando a “libertação” da homossexualidade. A cura, segundo ele vem através de orações e que a pessoa consegue sair dessa vida (fazendo referência a homossexualidade).

²⁰ AURÉLIO, Marcos. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 17/12/2012.

²¹ A. M. S. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 20/12/2012.

CAPÍTULO 03

ESPAÇOS LEGÍTIMOS E ILEGÍTIMOS DE CONVIVÊNCIAS HETEROGÊNEAS NA SOCIEDADE PARNAIBANA.

3.1 Locais de encontro de garotos e garotas *gay*sem Parnaíba

A sexualidade entrou no campo das pesquisas e observações dos culturalistas nos anos 60, o que representa o avanço que se prolonga até os dias atuais sobre estudos em torno das minorias, das representações, da sexualidade, constituição dos espaços, etc. A revista *Annales*, fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch, trouxe à tona assuntos e sujeitos que margeiam a sociedade, como as prostitutas, os homossexuais, os “loucos”, os presos, os velhos e tantos outros que se constituíam como anomalias do meio social e que por isso foram jogadas ao relento e aos julgamentos superficiais.

A perspectiva da História Cultural, leva em conta a formação do sujeito, o tornar-se, e isso leva em consideração os múltiplos fatores que formam um “ser”. Desapropriar-se de idéias corridas e supérfluas são fundamentais para análise dos sujeitos e suas subjetividades. Para tanto, utiliza-se a antropologia, a sociologia, a história, a psicologia e tantas outras áreas do conhecimento, pois o entendimento tem de passar pelos mais diversos estudos até se ter a noção do que levou determinado(s) indivíduo(s) ou sociedade(s) a ter determinado(s) comportamento(s).

O presente trabalho não foca em correntes que determinem a homoafetividade como essência ou característica adquirida pura e simplesmente, mas usar de conceitos e práticas que permitam maior abrangência sobre o assunto. O artigo “A Política do conceito: subversiva ou conservadora? – crítica à essencialização do conceito de orientação sexual” de Alípio de Sousa Filho nos traz a seguinte afirmação:

Aqueles que flertam com as teses de um essencialismo naturalista em matéria de sexualidade não têm consciência da despolitização que a posição representa. O argumento da natureza despolitiza a reflexão sobre gênero e sexualidade e atrela direitos a serem conquistados pela mudança de mentalidade da sociedade ao obscurantismo do apelo ao biológico ou ao

psicológico. O que fundamenta a crença essencialista é, no fundo, o temor da ideia de liberdade, o temor do desejo como fator de produção da diversidade, da pluralidade. O temor do próprio desejo como potência criadora. (SOUSA FILHO, 2009, pág.68).

Tais estudos e abrangências chegaram ao século XXI e correm o mundo. A cidade de Parnaíba é o objeto de estudo do presente trabalho, assim como a sua juventude homossexual, que estão sob o olhar culturalista. Michel de Certeau, que tem em seu trabalho “A invenção do Cotidiano”, uma parte dedicada aos espaços, que tem o nome de “Práticas de Espaço”, que se caracteriza por ser uma análise das aglomerações urbanas, das movimentações, das ausências, enfim, um estudo que perpassa as subjetividades das cidades e suas significações. Segundo Certeau, no livro A Invenção do Cotidiano:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (CERTEAU, 1994, p. 189)

Dando formas práticas às observações e escritos de Certeau (1994), mais precisamente na cidade de Parnaíba, que vivencia a efervescência de estar inserida em um processo de trocas, desenvolvimento sócio-econômico, cultural e estar dentro do contexto da globalização. Há de se destacar o papel dos locais de encontros, os grupos, os aspectos em comum que aproximam umas pessoas das outras. A necessidade de se sentir pertencente a um grupo traz à sociedade segmentações que variam de acordo com as peculiaridades de cada aglomeração grupal. O *locus* pode estar permeado de significâncias e simbolismos tácitos, no qual não se exprime de maneira clara e objetiva a intencionalidade daquele lugar dirigir-se a determinados tipos de sujeitos ou de ter sido originado já com alvo marcado. José D’Assunção Barros (2007) diz que a cidade é um texto que tece dentro de si uma miríade e que esta se faz até nas conversas dos encontros cotidianos.

Entre esses grupos, existem os que anseiam por compartilhar e vivenciar experiências e características em comum, como a sexualidade. Parnaíba pode ser encarada como uma cidade anfitriã de costumes interioranos e também de costumes característicos das cidades. Abrange áreas de cosmopolita, que se intensificaram com a expansão universitária, não só da rede pública, mas também particular, onde estudantes de diversas localidades não só

do Piauí, mas de estados vizinhos como Ceará e Maranhão, que acabam por vir em busca de qualificação. Esses jovens tecem novas teias no que se refere à diversificação de pensamentos, costumes e experiências. O desenvolvimento de Parnaíba pode ser correlacionado com a ascensão dos burgos no século XII, que ao se desenvolverem e receberem forasteiros abriu-se para novos diálogos, entre tais diálogos, a homossexualidade, de acordo com Jeffrey Richards (1993).

Os costumes noturnos estão em alta, como maior frequência de festas, novos bares e eventos que anseiam servir como divertimento para a população. Em Parnaíba, isso ocorre também, e na atualidade há uma maior mobilização no que diz respeito aos lugares que se destinam e servem de destino para o divertimento dos homossexuais ou que geram conforto para quem difere da padronização sexual. Os encontros da juventude *gay* parnaibana estão dispersos por praças, boates, bares, o que caracteriza a diversificação dos locais de diversão e diálogo entre os *gays*. Não que estes espaços sejam especificamente vinculados a esse público determinado, mas funciona enquanto uma espécie de acordo tácito entre os mesmos que ressignificam o uso deste espaço. Neste sentido Certeau afirma que “a linguagem do poder se “urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico”²².

Os jovens, que tem sua sexualidade marginalizada frente aos padrões normativos impostos pelo meio social aos sujeitos, tornando-os ordinários, que devem se subjugar à normatividade e padronização social, deixando de lado suas peculiaridades, porém a sexualidade tem dispositivos de fuga, é processo que perpassa o discurso, a formação do conhecimento, pelo prazer, pelo controle, pelas estratégias (FOUCAULT, 1985). Neste sentido os grupos homossexuais em Parnaíba, assim como os caminhantes ordinários de Certeau, inventam suas próprias cartografias sentimentais no espaço da urbe. Neste ponto para Certeau “O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial”²³. A juventude homossexual parnaibana também nesse sentido subverte as linhas de constituição dos sujeitos e dos espaços.

Os jovens desta geração estão vivenciando a emergência das discussões sobre a sexualidade também na cidade de Parnaíba. A maior abertura das discussões em torno da

²² CERTEAU, 1994, p. 161

²³ CERTEAU, 1994, p. 165

homossexualidade dá a esse jovem uma maior respeitabilidade, em outros casos aceitação e/ou liberdade. Não obstante disso, não conta-se com “um mar de rosas” em relação aos olhares desconfiados, julgadores ou até mesmo que destilam veneno e inferiorizam o jovem *gay*, como há no trecho da entrevista cedida por Marcos Aurélio, já citado na pesquisa que se diz acostumado com tudo isso.

Percebe-se que Marcos Aurélio está atento aos olhares lançados pelos diagnosticadores de sua orientação sexual e o entrevistado sente-se incomodado pelos sujeitos que fazem ou pelo menos tentam obter alguma resposta sobre a sexualidade alheia. A personalidade do jovem sujeito *gay* resume-se ao que ele faz enquanto sujeito dotado de condição sexual desviante, ou seja, o centro das atenções é o que ele deixa transparecer, como trejeitos que foram estereotipados como “essência” dos homossexuais. Aos garotos, uma feminilidade que sirva como legitimação do seu suposto “desejo” de parecer uma mulher, a passividade, e às meninas homossexuais é relegada a masculinidade, que as aproximaria do “ser” homem, logo associada ao papel ativo.

Há locais que em sua concepção são direcionados ao público *gay*, como as boates *Pride*²⁴ e *Pró-Álcool* e o bar *Barfômetro*. Outros locais não restringem seu público alvo, mas abarcam a diversidade, como o bar do Teófilo, praças e outros que são parcialmente dedicados ao público *gay*, onde festas específicas conclamam os *gays*, como o Casarão (residência que é local de eventos, entre alguns deles, destinados ao público *gay*, lésbico, bissexual e simpatizantes). No *Pride* e no *Pró-Álcool*, há festas com apresentações de *dragqueens*, *gogo boys*, *go go girls*, assim como nas festas de temática *gay* do Casarão. Na entrevista de Marcos Aurélio há a seguinte afirmação como resposta a pergunta sobre quais os locais mais freqüentados pelos *gays* em Parnaíba:

Bem, os mais freqüentados são os como *Pride*, *Pró-álcool*, por vezes até o Porto das Barcas, por ser um local discreto, digamos assim, e boates como a Trilhus, *barfômetro* e algumas praças que sempre ficam uns grupos juntos, assim, de homossexuais, que são por exemplo a Praça do Quadrilhódromo e por aí vai né, vários locais que a gente pode citar, mas com exceção do *Pride* e *Pró-Álcool* e do *Barfômetro*, eu ando em todos, sem nenhum tipo assim de medo de ficar constrangido ou de não me sentir confortável.²⁵

²⁴ Casa de show/ bar localizado em Parnaíba-PI.

²⁵ AURÉLIO, Marcos. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 17/12/2012.

Marco Aurélio não se sente necessariamente bem em um local que seja especificamente destinado ao público *gays* pelo fato dele ser também homossexual, logo se visualiza certo desconforto e distanciamento por parte do jovem, achando esse tipo de local apelativo. A opinião do jovem entrevistado é parecida com a da garota A.M.S. que cita os mesmos locais que Marcos Aurélio como sendo os pontos de encontro, e os dois jovens tendem sentir o Porto das Barcas como um ambiente agradável, como enfatiza também a menor entrevistada em determinado trecho da entrevista, onde diz que o porto das Barcas é um local onde se pode ficar a vontade.

A pluralidade dos frequentadores dos *lócus* citados pelos dois jovens entrevistados pode servir como embasamento material para o que se vivencia na atualidade parnaibana, que é um alargamento no que tange novas ideias, tendências, experiências, etc. A.M.S. vislumbra uma maior aceitação nos dias de hoje, mas segundo João Bôsco Hora Góis, os estudos sobre a homossexualidade estão ainda sob uma perspectiva reduzida, como há no seu artigo denominado “Desencontros: As relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil”, que diz:

Na verdade, a atenção desses estudos tem se dirigido predominantemente aos homossexuais do sexo masculino, também brancos ou sem cor, possivelmente por estarem sendo construídos também por homens em sua maioria brancos. (HORA GÓIS, 2003, p. 295)

A entrevistada diz em determinado ponto da entrevista quando perguntada sobre a possibilidade de dialogar sobre a homossexualidade na cidade de Parnaíba: “Acho que hoje, sim, é possível. Acho que dá pra ter um bom entretenimento com devidas pessoas a respeito desse assunto, então dá pra ficar diversificando e ter um bom assunto com eles”.²⁶

O jovem poder dizer isso na atualidade, perceber, sentir que ele pode se despir ou não precisar vestir a roupagem da sexualidade ditada como normal, é uma possibilidade que diverge brutalmente das possibilidades cabíveis até pouco tempo atrás. O contato com um sujeito que se declarava ou deixava transparecer sua homoafetividade era muito mais restrito, como há no livro “Estórias de uma cidade muito amada”, que no texto ‘Praça da Graça: seus tipos populares’ dá ênfase para personagens que frequentavam a Praça da Graça, como Chico Devasso. Carlos Araken, autor do livro, o descreve da seguinte maneira:

²⁶ A. M. S. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 20/12/2012.

Toda cidade que se preza tem os seus e Parnaíba, não era uma exceção. Muito pequeno, não compreendia por que troçavam e assobiavam quando ele passava. Miúdo, atarracado, usando roupas esquisitas, e rebolando muito. ‘Menino deixa de ser danado ou te entrego pro Chico Devasso’. Foi o primeiro homossexual assumido que vi. Sequer lhe ouvi a voz. (ARAKEN, 1989, p. 40)

Atualmente, em pleno século XXI, depois de muitas movimentações em torno da afetação amorosa entre pessoas do mesmo sexo, vê-se que movimentos da década de 1960 como de *Stonewall*, reivindicações, liberação *gay*, dentre tantos outros, criticaram os estereótipos como sendo formas de opressão e desencadearam o que se vê hoje, como discussões entre os jovens sobre sexualidade e políticas que propiciem o diálogo e a proteção de *gays*, lésbicas, bissexuais, transgêneros e travestis.

3.2 A escola como espaço de fomentação da pluralidade

A escola é um espaço, um meio formador onde os jovens passam boa parte do seu tempo, e por consequência, é determinante na formação intelectual e pessoal dos discentes. O contato com os saberes, com pessoas (sendo várias destas da mesma idade), regras, dentre outros, traz aos jovens uma carga de experiências que somente o meio escolar proporciona.

Nas entrevistas cedidas para a elaboração do presente trabalho, a escola e sua importância fizeram-se presentes, e como era previsto, os entrevistados deram seu parecer. Nos depoimentos, os entrevistados foram positivos quanto à relação com o ambiente escolar, sendo este um espaço de múltiplas opiniões que são atenciosamente percebidas pelos jovens. É no ambiente escolar que garotos e garotas baseiam e apresentam muitas das vezes, suas identidades, entre elas, a sexual. O artigo intitulado “Os Direitos Humanos dos Homossexuais” apresenta:

A identidade sexual está inserida na identidade pessoal do indivíduo. Esta compreende na sensação interna de cada pessoa sobre ser masculino ou feminino, homem ou mulher. O homossexual tem a identidade sexual plenamente conciliada com seu sexo de fato; o homem *gay* entende a si

mesmo como homem e a mulher lésbica como mulher. (YOSHIURA, VASCONCELOS & AMARAL, 2009, p. 03)

A escola pode dar aos alunos uma mescla de experiências, sendo aceitação e preconceito, ódio e paixão concomitantes. O aflorar dos impulsos sexuais podem proporcionar ao garoto ou garota homossexual um desconcerto por estarem dentro de uma categoria que foi construída como sendo inferior, marginalizada. Proporcionar o diálogo sobre o assunto, deixar claro que a sexualidade não tem somente uma forma de se expressar, mas é um terreno onde suas manifestações são diversificadas podem pormenorizar conceitos errôneos e restritivos. Como citado no trabalho monográfico sobre homossexualidade intitulado “O Movimento Homossexual Parnaibano a partir de Stonewall: histórias, resistências e ações” de Antônio Sergio Vieira da Silva graduado de Licenciatura Plena em História desta cidade, que diz:

De modo que as formas de manifestações da sexualidade são expressões de sentimentos afetivos e/ou eróticos entre as pessoas, quer seja com outras do mesmo sexo ou de sexos diferentes. Porém, a compreensão desse entendimento é muito complexa, implicando fundamentalmente, no exercício pleno da sexualidade de si e dos outros, algo muito difícil em nossa sociedade, o não entendimento tem causado sérios danos às pessoas pertencentes às categorias consideradas diferentes – *gays*, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais. (VIEIRA da SILVA, 2011, p.22)

Os dois jovens entrevistados foram positivos nas suas respostas quando indagados sobre a convivência de ambos na escola, partindo do pressuposto de serem homossexuais. Marcos Aurélio vê-se como o diferente que é legal, como diz em determinado trecho:

Bom, é...Eu me considero conhecido né, porque todo mundo quer ter um amigo ou quer se entrosar com alguém que seja gay por ser diferente né, e de outra forma que acaba chamando mais atenção e isso acaba me dando mais confiança pra mim poder entrar na escola, andar e falar o que quero e vestir o que eu quero.²⁷

O discurso de Marcos Aurélio demonstra o avanço que existe em torno da respeitabilidade em torno do tema, mas a escola nem sempre é um ambiente onde o respeito é a força motriz para

²⁷AURÉLIO, Marcos. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 17/12/2012.

as relações interpessoais. A.M.S. deixa claro que há observância quando vai realizar alguma atividade e nas suas reações:

Acho que...É...Querendo ou não, vai haver um pouco da discriminação pelo fato das pessoas saberem de você ou por acharem que você é de alguma forma. Então elas vão te olhar muita das vezes estranho devido a reação em certas coisas, em certas atividades.²⁸

Como podemos observar na visão de A.M.S. apesar da positividade das relações dos sujeitos homossexuais dentro do ambiente escolar ainda há olhares desconfortantes lançados sobre a sexualidade “anormal” pertencente aos jovens *gays*.

O aumento do número de adolescentes afirmando sua homoafetividade é encarado por muitos como “moda”, uma fase passageira e que serve de *status*, como se o diferente o colocasse numa categoria a ser admirada. Em consonância com a questão do orgulho de mostrar-se *gay* ou lésbica, Marcos Ribeiro de Melo em seu estudo “Educação e Movimento Homossexual: Reflexões *Queer*” trazem a seguinte afirmação:

Assim, se para o Movimento Homossexual das décadas de 1970 e 1980, afirmar-se *gay* ou lésbica era simplesmente motivo de orgulho e já considerado o bastante na formulação de políticas públicas específicas... (MELO, 2008, p. 72)

O preconceito contra homossexuais toma forma não somente sob o aspecto da violência física, mas também no campo da linguagem, sendo ambas as formas de agressão chamadas de homofobia, termo elaborado por George Weinberg na década de 1970. O psicólogo, com a elaboração de tal termo tão utilizado na atualidade, deu a esta palavra que é sinônimo de pavor ou aversão a homossexuais, uma aliviada quanto à ligação da homossexualidade a alguma doença (NASCIMENTO SILVA, 2007). A homossexualidade como expressão de alguma patologia deu-se ainda recentemente como diz o trabalho “O Debate sobre a Homossexualidade Mediado por Representações Sociais: Perspectivas Homossexuais e Heterossexuais”:

Dentro da Medicina e Psicologia ainda pode-se verificar que a homossexualidade foi tratada como patologia até muito recentemente. O Conselho Federal de Medicina apenas em 1985 passou a não considerar a

²⁸ A. M. S. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 20/12/2012.

homossexualidade como doença, enquanto o Conselho Federal de Psicologia (CEP) e outras entidades de psicologia não se manifestaram até mais recentemente. (SCARDUA & SOUSA FILHO, 2006, p. 484)

A agressão verbal dentro das escolas serviu como um dos motes para o estudo de Amadeu Roseli-Cruz (2011) sobre homofobia e uso dos palavrões para expressar a agressividade contra homossexuais, intitulado “Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação sexual escolar”. Os termos “viado” e “vai tomar no cú” são largamente utilizados pelos agressores, dando ênfase inclusive a passividade do ofendido. Segundo Amadeu Roseli-Cruz:

Se alguém é xingado assim e ainda de ‘viado’, é necessária uma resposta imediata para negar essa designação. Se não negar, confirma o xingamento. E a negação pode ser feita com uma troca de xingamentos e/ou com agressão física.”. (ROSELI-CRUZ, 2011, p.81)

Esse ciclo de xingamentos e trocas de ofensas criam uma aura de perversidade no espaço onde há a possibilidade de enriquecimento humano. O convívio entre adolescentes pode trazer o ônus, como o do uso das palavras para inferiorizar o outro, mesmo o jovem “boca suja” não sabendo da etimologia da palavra que pronuncia. Palavras para designar a homossexualidade do colega são de cunho pejorativo, ou seja, o *gay* está para o obsceno, assim como o palavrão está para agredir e ridicularizar. É como se fossem sinônimos e o xingamento a carapuça correta para dar nome e significância para o (a) garoto (a) homoafetivo.

Os termos empregados para designação do que se refere aos homossexuais variaram muito ao longo da história, mais precisamente do século XX para o século XXI, onde estudos puderam dar novas nomeações e roupagens às relações afetivo-amorosas entre pessoas do mesmo gênero. Termos conhecidos hoje, como heterossexual, homossexual, (ambos criados no século XIX), heterossexismo (termo mais próximo de ideologia sócio-cultural), homofobia (em termos genéricos, refere-se à aversão à homossexualidade) e homoerótico (referente às artes que tem como tema as sentimentalidades entre iguais) são distintos em seus significados e nos faz pensar na gama de sutilezas e pluralidade que existem dentro das possibilidades do “universo *gay*”.

A escola é um espaço de sociabilidades que ao ser também espaço de perpetuação de padrões normativos, de preconceitos, reproduz o que já está cristalizado. A criticidade de alunos, professores, gestores deve ser o cerne das discussões e implicações quando o normal depara-se com o diferente. No artigo intitulado, “O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional da obra Bagoas Estudos Gays Gêneros e Sexualidades escrito pelos autores Marco Aurélio M. Prado, Daniel Arruda Martins e Leonardo Tolentino Lima Rocha:

“Ela é parte do mundo comum instituído pela própria divisão. Por isso, a escola precisa ser contraditória, laboratório de experiências da inovação do cotidiano, espaço que disponibiliza instrumentos, criados através dos conflitos e da regulação, capazes de nomear as experiências de sociabilidade, sem necessariamente impor hierarquias valorativas para cada uma delas”. (PRADO, MARTINS, LIMA ROCHA, 2009, p.219)

3.3 As redes sociais e a sua importância como espaço de diálogo

A acelerada expansão tecnológica, as comunicações cada vez mais facilitadas por celulares, internet, televisão, rádio, etc. O que há é um bombardeio de tecnologias, o obsoleto ficando cada vez mais frequente e as informações correndo o mundo com elevada rapidez e chegando para um número cada vez maior de pessoas. Esse encurtamento das distâncias através das comunicações faz com que haja aproximação de ideias, pessoas e o processo de trocas e absorção de novos modos de olhar e sentir são uma das consequências do que se convencionou como globalização, que é a aproximação, a conectividade de todas as culturas do globo.

Em pleno século XXI, vê-se a diluição dos papéis de gênero inventados e cristalizados ao longo dos séculos. Essa ruptura, mesmo que parcial, dos papéis representativos de cada gênero configura-se como uma das facetas existentes na sociedade consumista que percebe a homossexualidade de maneira diferente das décadas anteriores. Os meios midiáticos são uma fonte de discursos que vão além da imagética, mas adentram na subjetividade do indivíduo. A rapidez das mudanças e sua profundidade, o enfraquecimento

dos discursos preconceituosos, a velocidade com que as informações chegam às pessoas e a aproximação das mesmas formam o *boom* do avanço tecnológico no campo das comunicações.

A internet é o grande centro de encontro dos adolescentes, onde conhecem pessoas novas, mantêm velhas amizades, marcam encontros, partilham dos mesmos interesses, divergem de outros, enfim, é o “andar pelo mundo sem sair de casa”, sem ficar a mercê da violência urbana, como relata Marcos Aurélio:

Eu acredito que elas sejam assim essenciais, porque os *gays*, eles acabam se conhecendo com mais facilidade e isso acaba que antes não poderia fazer isso. Hoje você passa na rua, vê um *gay* e você vê que ele é legal, quer fazer alguma pergunta ou então quer conhecer melhor, você adiciona no face, pergunta o nome e vocês começam a conversar, se conhecem mais e isso te traz confiança porque a experiência dele acaba te trazendo uma forma de você viver a sua própria vida e aí vai fazendo com que toda a comunidade adolescente que é homossexual...que se conheçam mais, que saiba o que um passa e o outro não²⁹.

Notadamente o jovem citado procura nas redes sociais outros adolescentes que sejam *gays* e que ambos possam trocar experiências. O fortalecimento da comunidade *gay* na atualidade deve-se muitas vezes às redes sociais, que criam laços entre os jovens sexualmente marginalizados. Atualmente, o *Facebook*, rede social do jovem Mark Zuckerberg, é o principal meio de interação virtual, sendo largamente utilizado não só por adolescentes, mas estes são os que se inserem nas propostas do terceiro milênio com mais afinco e facilidade. Comumente chamado de “Face”, a rede social agrega jovens de todo o mundo e a facilidade de criar uma conta e de comunicação são uma alavanca para a proeminente visibilidade e sucesso do facebook que aparece como uma enorme comunidade que não só interliga pessoas de todo o globo, mas os gostos, interesses em comum e a necessidade de estar conectado à grande rede virtual.

A virtualização de encontros, amizades, troca de experiências se dá em altíssima velocidade, pois o conectar-se se dá com o *click* e então se abrem uma infinidade de oportunidades de conhecer novas pessoas, de procurar nelas algo que transporte o usuário em uma gama de sociabilidades que se materializam através dos caracteres, dos sentimentos envolvidos de uma aproximação, da afetação que os usuários sofrem. Para os jovens, as redes sociais são importantíssimas no que diz respeito ao crescimento do número de amigos,

²⁹ AURÉLIO, Marcos. Entrevista cedida gentilmente a Ana Karla da Silva Cruz em 17/12/2013.

conhecidos, como disse o entrevistado Marcos Aurélio no trecho citado acima. Trocas que são valiosas para o processo de formação do adolescente homoafetivo, logo o exemplo de outros adolescentes *gays* que vivem a problemática da aceitação, busca por espaço, preconceito, paixões, entre outros aspectos, pode vir a ser o norte para decisões de outros garotos e garotas. O modo de como proceder com os diferentes setores da sociedade é uma questão comum e a mistura de dúvidas com os sentimentos podem vir a prejudicar o jovem se não tiver algum respaldo para ajudá-lo quando tiver que tomar decisões.

A necessidade da identificação aparece ao lado da necessidade de estar conectado às redes sociais, pois as redes sociais são como uma sofisticação, terceiro milenista dos agrupamentos humanos. Essa necessidade não é um fenômeno contemporâneo da atual geração, como afirma Siony da Silva em um artigo publicado na Revista Iluminart intitulado “Redes Sociais Digitais e Educação”:

O ser humano enquanto ser social, sempre conviveu em um ambiente de comunicação e colaboração, utilizando as tecnologias disponíveis em cada fase histórica para esse contato. Com os avanços dos recursos tecnológicos, em especial das tecnologias da informação e comunicação, o ser humano, passa a utilizá-los em suas atividades profissionais, de lazer, de aprendizado e de contato inter-pessoal. (SILVA, 2010, p. 37)

Tal sofisticação encontra-se em expansão devido à violência urbana, onde jovens estão cada vez mais presos em casa, a velocidade de comunicação, acomodação dos jovens em sair de casa para encontrar-se com amigos, familiares, etc. São muitas as supostas vantagens de utilizar a internet para comunicar-se. A.M.S., assim como Marcos Aurélio opinam de forma positiva quanto ao papel das redes virtuais de sociabilidades, sendo um meio de expandir a teia de amigos, os fazendo enquanto indivíduos que anseiam por participação social, conhecerem e serem conhecidos, formando suas identidades não somente como portadores de orientação sexual “diferente”, mas enquanto sujeito ativo e participativo da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho é discutir a questão da homossexualidade através dos espaços, das vivências das normatizações, tendo em vista a diversidade sexual e as práticas homoafetivas como um aspecto que perpassa a história da humanidade. As subjetividades, a convivência familiar, os locais onde esses jovens *gays* se encontram formam uma nova gama de experiências, onde há maior aceitação e discussão em torno da sexualidade.

Certeau (1994) fala das fugas que o sujeito ordinário acaba fazendo para ver-se um pouco fora das vivências totalitárias, o que entra em contato direto com as fugas dos sujeitos homossexuais, que se vêem dentro de uma redoma heteronormativa e atualmente tem a oportunidade de não se abstrair da sua sexualidade. São vistos, muitas vezes encarados de maneira negativa, por vezes inferiorizados, mas estão inseridos numa temporalidade e sociedade menos fechadas às discussões em torno da afetividade entre homens e mulheres homoafetivos.

As discussões em torno da sexualidade encontram-se não somente na academia, mas dentro dos lares, da escola, da Igreja, o que possibilita o “abrir as portas” para pensar sobre as orientações sexuais, as práticas sexuais entre pares do mesmo gênero, etc. A sexualidade está diluída juntamente com papéis de gênero, valores familiares, etc. A totalização da sexualidade encontra desafios atualmente, onde a pluralidade está em plena ascensão no campo dos discursos e das práticas. O trabalho buscou saber como ocorrem experiências em dos jovens homossexuais para com instituições cristalizadas, tendo em vista que depoimentos baseados na História Oral são de suma importância para a aproximação das informações e do tempo atual.

O presente trabalho buscou também através dos seus métodos, proporcionar à sociedade um melhor esclarecimento em torno dos espaços onde as relações homoafetivas são exteriorizadas. Com as entrevistas, houve o acréscimo da aproximação com quem vivencia dilemas que percorrem as relações com espaços normatizados pela heteronormatividade. A pesquisa obteve respostas satisfatórias, pois percebe-se as transformações de comportamento no meio social parnaibano ao se tratar do comportamento homossexual, mas não só há rupturas, pois há permanências e costumes cristalizados que como se pode verificar na entrevista cedida pelo Ministro da Igreja Evangélica. Ao lidar com essas relações cheias de

nuances, há de se verificar que necessita-se de novas maneiras de se lidar com tais transformações, onde as generalizações não dão conta da gama de subjetividades, mas a busca pela compreensão é que dá o tom na atualidade.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E ARTIGOS:

A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro, 1969.

AMARAL, Vanessa Yoshiura, Douglas Borges de Vasconcelos & Sérgio Tibiriçá do. *Os Direitos Humanos dos Homossexuais*. Uniletoledo, 2009.

ARAKEN, Carlos. *Estórias de uma cidade muito amada*: Informaster Sistema, 1988.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria*: Torquato neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

CAMINO, Lacerda, Pereira e. *Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais*. Psicologia, Reflexão e Crítica, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: artes de fazer 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CRUZ, Amadeu Roseli-. *Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação escolar*. Educ. rev. no. 39, Curitiba Jan./Apr.2011.

DIETER, Cristina Tiernes. *As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional.*

<http://www.ibdfam.org.br/novosite/artigos/detalhe/812>.

DONATELLI, Dante. *Quem me educa? A família e a escola diante da (in) disciplina.* São Paulo: Arx, 2004.

FERREIRA, Marieta Severo. *História do tempo presente: desafios.* Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº3, p.111-124, maio/ junho., 2000.

FILHO, Anderson Scardua, Edson Alves de Sousa. *O Debate sobre a Homossexualidade Mediado por Representações Sociais: Perspectivas Homossexuais e Heterossexuais.* Psicologia: Reflexão e Crítica, 19 (3), 482-490, 2006.

FILHO, Alípio de Sousa. *A Política do Conceito: subversiva ou conservadora?- crítica áessencialização do conceito de orientação sexual.* N. 04, p. 59-77, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade 3: o cuidado de si.* 8ª ed. Rio de Janeiro, edições Graal, 1985.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Grécia e Roma- 2cd-* São Paulo: Contexto.2002 – (Repensando a História).

GADPAILLE, W. J. *Cross species and cross cultural contributions to understanding homosexual activity.* Archives of general psychiatry, 1980.

GÓIS, João Bôsko Hora. *Olhos e Ouvidos Públicos para Atos (Quase) Privados: a formação de uma percepção pública da homossexualidade como doença*. Physis: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 10 (2): 75-99, 2000.

_____. *Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil*. Estudos Feministas, Florianópolis, 11 (1): 336, jan-jun/ 2003

HELMINIAK, Daniel A. *O que a bíblia diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.

HOBSBAWN, Eric. *Sobre a história*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

JÚNIOR, Dante Mesquita. *A homossexualidade à luz do artigo 235 do código penal militar eo anacronismo da lei*. São Paulo, 2008.

LIMA, Humberto Rodrigues e Cláudia de Castro. *Vale Tudo: Homossexualidade na Antiguidade*. 2008.

MELO, Marcos Ribeiro de. *Educação e Movimento Homossexual: reflexões Queer*. Ano 2. Volume 4- p. 71-80- jul-dez. 2008.

MELO, Iran. *Representações Sociodiscursivas da Homossexualidade*. Retratos do Brasil Homossexual. Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MOTT, Luiz. *A Revolução Homossexual: o poder de um mito*. Revista USP, São Paulo, n. 49, p. 40-49, março/ maio 2001.

NETO, Luiz Ramires. *Um Silêncio Desconcertante: a homossexualidade permanece invisível na escola*. USP. GE: Gênero, Sexualidade e Educação/ n. 23.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio e Danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ROCHA, Marco Aurélio Máximo Prado, Daniel Arruda Martins, Leonardo Tolentino Lima. *O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional*. N. 04, p. 209-232, 2009.

SILVA, Adriana Nunan do Nascimento. *Homossexualidade e Discriminação: o preconceito sexual internalizado*. Volume I, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Sionyda. *Redes Sociais Digitais e Educação*. Revista Iluminart, n. 05, 2010. IFSP-Campus Sertãozinho.

SILVA, Antonio Sergio Vieira da. *O Movimento Homossexual Parnaibano a partir de Stonewall: história, resistência e ações*. Parnaíba-PI, 2011.

THOMPSON, Paul. *A Voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1992.

ENTREVISTAS:

ARAÚJO, Lucas. Entrevista cedida a Ana Karla da Silva Cruz em 22/12/2012.

AURÉLIO, Marcos. Entrevista cedida a Ana Karla da Silva Cruz em 17/12/2012.

SANTOS, Benedito dos. Entrevista cedida a Ana Karla da Silva Cruz em 30/12/2012.

SILVA, A. M. S. Entrevista cedida a Ana Karla da Silva Cruz em 20/12/2012.

FILME:

CHORAM, Meninos não. Direção de KimberlyPiercy. Estados Unidos, 1999. DVD (118 min.), son., color. Dublado. Port.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Documento que atesta a concordância do sujeito de pesquisa em conceder seu depoimento)

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulado(a)

desenvolvida por _____, coordenada/orientada
por _____

a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº

_____ ou e-mail _____. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é

_____.

Estou ciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o(a) pesquisador(a) responsável ou seus orientadores. Terei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Parnaíba (PI), ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____.

Assinatura do (a) pesquisador: _____.

Assinatura do (a) orientador: _____.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Documento que atesta a concordância do sujeito de pesquisa em conceder seu depoimento)

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulado(a)

desenvolvida por _____, coordenada/orientada

por _____

a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº

_____ ou e-mail _____. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é

Estou ciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o(a) pesquisador(a) responsável ou seus orientadores. Terei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Parnaíba (PI), ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____.

Assinatura do (a) pesquisador: _____.

Assinatura do (a) orientador: _____.

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Documento que atesta a concordância do sujeito de pesquisa em conceder seu depoimento)

Declaro, por meiodeste termo, que concordei em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulado(a)

desenvolvida por _____, coordenada/orientada
por _____

a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº

_____ ou e-mail _____. Afirmoque
aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro
ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui
informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é

Estouciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o(a) pesquisador(a) responsável ou seus orientadores. Terei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Parnaíba (PI), ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____.

Assinatura do (a) pesquisador: _____.

Assinatura do (a) orientador: _____.

ANEXO IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Documento que atesta a concordância do sujeito de pesquisa em conceder seu depoimento)

Declaro, por meiodeste termo, que concordei em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulado(a)

desenvolvida por _____, coordenada/orientada
por _____

a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone n°

_____ ou e-mail _____. Afirmoque
aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro
ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui
informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é

Estouciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o(a) pesquisador(a) responsável ou seus orientadores. Terei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Parnaíba (PI), ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____.

Assinatura do (a) pesquisador: _____.

Assinatura do (a) orientador: _____.